



BRIAN
STABLEFORD
O IMPÉRIO
DO MEDO

Tradução de José Gabriel Trindade Santos



Corria o décimo terceiro dia do mês de Junho do Ano da Graça de 1623. O tempo cálido chegara cedo à Grande Normandia e as ruas de Londres encontravam-se banhadas de sol. Havia multidões por toda a parte e o porto tinha grande movimentação de navios, tendo três acostado nesse mesmo dia.

Um deles, o *Freemartin*, viera das regiões equatoriais transportando produtos do misterioso coração de África, tais como marfim, ouro e peles de animais exóticos. Trouxera ainda animais vivos para as jaulas do príncipe na Torre dos Leões. Havia rumores sobre três ou mais leões, uma cobra da altura de um homem e papagaios de roupagens brilhantes, que os marinheiros tinham ensinado a falar. Murmurava-se também acerca de carregamentos secretos e mais: preciosas jóias, intrincadamente cinzeladas e encantamentos mágicos. Mas falatórios desse tipo espalhavam-se sempre que atracava uma embarcação vinda de partes remotas do mundo.

Pedintes e miúdos de rua, atentos como sempre a tais murmúrios, formavam rebanhos no cais e importunavam cada marinheiro que viam nas ruas, tão ansiosos por mexericos como por umas moedas de cobre. Os únicos rostos não animados pela excitação eram os das cabeças cortadas sobre a Porta do Sul. A Torre de Londres, contudo, planava sobre o burburinho, com os seus torrões altos e proibidos, tão distantes das ruas que pareciam pertencer a um mundo diferente.

Edmund Cordery, mecânico da corte do príncipe Ricardo, encontrava-se a trabalhar nas suas águas-furtadas do torreão sudoeste da Torre Branca. Cuidadosamente, inclinou o pequeno espelho côncavo do dispositivo de latão colocado sobre a banca de trabalho, captando assim os raios de sol da tarde, deflectindo a sua luz através do orifício do estrado por meio do sistema de lentes que constituía o instrumento.

Olhou para cima, ergueu-se e afastou-se para o lado fazendo sinal ao filho, Noell, para que tomasse o seu lugar. — Diz-me se está tudo bem — articulou, fadadamente. — Mal consigo focar os olhos.

Noell fechou o olho esquerdo e aproximou o outro do microscópio. Girou a roda que ajustava a altura do estrado. — Está perfeito — constatou. — O que é isto?

— A asa de uma traça — respondeu o pai.

Edmund verificou se as restantes lamelas se encontravam prontas

para demonstração sobre o tampo polido da mesa. A perspectiva da visita de Lady Carmilla enchia-o de uma ansiedade complexa que não lhe agradava. Mesmo em tempos passados ela não viera frequentemente à sua oficina. Mas vê-la ali, agora, iria por certo acordar memórias que não haviam sido despertadas quando a avistara ocasionalmente nos locais públicos da Torre, ou durante cerimónias festivas.

— A lamela com água não está pronta — advertiu Noell. — Deverei...?

Edmund abanou a cabeça, negando.

— Farei uma nova quando chegar a altura — disse. — As coisas vivas são frágeis e o mundo que existe numa gota de água é destruído muito facilmente.

Continuou a percorrer o tampo da bancada com o olhar e moveu um cadinho, colocando-o fora de vista atrás de uma fila de recipientes de vidro. Era impossível e desnecessário arrumar o local, mas sentiu ser importante conservar um certo ar de ordem e controlo. Foi à janela e olhou para fora, sobre a taberna do Porto Frio e a Torre de São Tomás, para o cintilante Tamisa e os distantes telhados de ardósia das casas na margem oposta.

Deste ponto elevado, as pessoas nas imediações do Pátio Exterior pareciam minúsculas. Encontrava-se mais alto sobre elas do que a cruz do campanário da igreja perto do mercado de curtumes. O olhar de Edmund deteve-se nesse símbolo distante. Não era, de modo algum, um devoto, mas a sua agitação era tal que se benzeu, murmurando a reza ritual. Mal o fizera, censurou-se por semelhante fraqueza de espírito.

Tenho 44 anos, pensou, e sou mecânico. Já não sou o rapaz favorecido pelo amor da dama e não há necessidade de agitação.

Esta censura privada era um tanto injusta. Não era apenas o facto de ter sido em tempos amante de Carmilla Bourdillon que provocava a sua ansiedade. Havia também o microscópio sobre a bancada. Havia ainda o facto de ser seguido por todo o lado para onde fosse no Pátio Exterior, de tal modo que qualquer encontro ocasional era objecto de escrutínio. Como se isso não bastasse, eis que chegara o navio de África, cujo dono desempenhara uma missão para o Colégio Invisível, ao mesmo tempo que correspondia aos desejos de Ricardo, trazendo-lhe novos leões para a sua colecção.

Mas já vivera no perigo durante muitos anos e aprendera a conservar-se calmo. Embora em relação a Lady Carmilla as coisas se passassem diferentemente. A sua relação com ela tinha sido um genuíno caso de coração e doía-lhe que ela estivesse agora a fazer o trabalho de Ricardo, tornando-se intermediária entre o príncipe e o mecânico. O simples facto de ter sido

introduzido um intermediário era sinal evidente de que Edmund caíra em desgraça. Esperava ser capaz de ajuizar, a partir da reacção da dama, até que ponto tinha realmente de recear.

A porta abriu-se e ela entrou. Depois, voltou-se um pouco e, com um gesto breve, indicou à criada que se retirasse. Estava sozinha, sem amigos nem favoritos no seu séquito. Atravessou a sala cuidadosamente, levantando um pouco a bainha da saia, apesar de o chão não se encontrar empoeirado. O olhar vagueava-lhe hesitante, de um lado para o outro, por cima das prateleiras com as suas garrafas e recipientes, da fornalha, do torno e das numerosas ferramentas da arte do mecânico.

Para muitos, tanto para vampiros como para plebeus, esta sala deveria parecer cheia de mistérios, ressumando blasfémia, tal como a toca de alquimista que o infeliz Harry Percy fizera para si próprio, enquanto fora hóspede involuntário da Torre Martin. Lady Carmilla provavelmente não via grande diferença entre o trabalho do conde feiticeiro e o do mecânico, mas era sempre difícil avaliar a opinião dos vampiros em relação às inúmeras demandas do saber, que hoje em dia eram desenvolvidas pelos homens comuns. A sua atitude era distante e controlada. Aproximou-se, vindo colocar-se defronte do instrumento de latão que Edmund recentemente concluíra, mas limitou-se a olhá-lo de relance, fitando-o depois directamente no rosto.

— Pareceis bem, mestre Cordery — disse, calmamente. — Mas estais pálido. Não deveríeis fechar-vos nos vossos aposentos, agora que o Verão chegou à Normandia.

Edmund curvou-se ligeiramente, mas continuou a olhá-la nos olhos.

Não mudara no mais pequeno grau desde os dias em que fora íntimo dela. Tinha já 445 anos, não era muito mais jovem do que Ricardo. Mas a sua beleza não tinha ainda começado a desvanecer-se. O tom de pele era muito branco, como é habitual nos vampiros do Norte da Europa, e tinha aquela pureza acetinada, quase um reflexo prateado, que era a marca inconfundível da imortalidade. Nenhuma mancha ou sinal, nenhuma cicatriz ou marca de varíola, podiam diminuir a perfeição da face de um vampiro. Os olhos eram de um castanho líquido e profundo, e o cabelo negro retinto, em flagrante contraste com a pele. Os vampiros raramente conservavam o cabelo loiro depois da conversão, mesmo quando tinham nascido com ele. Tinha os lábios levemente carminados.

Há já vários anos que não a tinha tão perto de si e não pôde impedir a avalanche de memórias que lhe invadiu o espírito. No que a ela dizia respeito, as coisas seriam diferentes: o cabelo começara já a embranquecer-lhe e a pele a enrugar; deveria parecer-lhe um homem completamente diferen-

te. Mas, ao fitá-la nos olhos, pareceu-lhe que também ela se lembrava e não inteiramente sem emoção.

— Minha senhora — pronunciou, numa voz completamente firme —, gostaria de vos apresentar o meu filho e aprendiz, Noell.

Noell corou e curvou-se mais profundamente do que o pai.

Lady Carmilla agraciou o jovem com um sorriso.

— Parece-se convosco, mestre Cordery — disse. E acrescentou para Noell: — Em tempos, antes do vosso nascimento, o vosso pai era o mais belo homem de Inglaterra. Pareceis-vos muito com ele e deveis sentir-vos orgulhoso. — Dirigiu depois a atenção para o instrumento. — O desenhador estava certo? — inquiriu.

— Sim, com certeza — respondeu Edmund. — O dispositivo é extremamente engenhoso. Apreciaria muito conhecer o homem que o engendrou. Pôs duramente à prova os talentos do meu polidor de lentes e penso que poderíamos fazer um melhor, com mais cuidado e adestramento. Este é um pobre exemplo, como seria de esperar de uma primeira tentativa.

Lady Carmilla sentou-se e Edmund ensinou-lhe como aplicar o olho ao instrumento e ajustar a roda de focar o espelho. Ela demonstrou surpresa pela aparência da asa de traça ampliada e Edmund mostrou-lhe toda a série de lamelas preparadas, que incluíam outras partes de corpos de insectos, bem como secções muito finas de caules e sementes de plantas.

— Necessito de uma faca mais afiada e de uma mão mais firme, minha senhora — confessou-lhe. — O dispositivo mostra bem claramente a rudeza dos meus cortes.

— Oh, não, mestre Cordery — tranquilizou-o ela, delicadamente. — Estes são suficientemente belos. Mas disseram-nos que poderiam ser vistas outras coisas muito mais interessantes. Coisas vivas, demasiado pequenas para a nossa vista.

Edmund explicou-lhe a preparação das lamelas com água. Fez uma nova, usando para tal uma pipeta com que tirou uma gota de água suja do rio. Pacientemente, ajudou-a a encontrar na lamela as minúsculas criaturas que os olhos humanos não estavam equipados para ver. Mostrou-lhe uma que flutuava como se fosse, ela própria, quase líquida, e outras mais pequenas ainda, que se moviam por meio de cílios. Ela mostrou-se cativada e observou durante algum tempo, movendo a lamela delicadamente com as unhas envernizadas.

Depois, perguntou, de modo casual:

— Já observastes outros fluidos?

— Que espécie de fluidos? — perguntou, embora a questão fosse muito clara para ele e o perturbasse.

Mas ela não estava com vontade de usar subterfúgios.

— Sangue, mestre Cordery — explicou, com suavidade. O conhecimento anterior que dele tinha ensinara-lhe a respeitar-lhe a inteligência e Cordery quase o lamentava.

— O sangue coagula muito rapidamente — respondeu-lhe. — Não pude produzir uma lamela satisfatória. Para isso, precisaria de muito mais habilidade do que a que tenho. Mas Noell desenhou muitas coisas que, *efectivamente*, estudámos. Gostaríeis de as ver?

Carmilla aceitou a mudança de assunto, dando mostras de desejar fazê-lo. Dirigiu-se ao lugar onde Noell trabalhava e começou a seleccionar desenhos, erguendo ocasionalmente os olhos para o cumprimentar pelo seu trabalho. Edmund permanecia de pé a seu lado, recordando como fora outrora sensível aos estados de espírito e humores da dama, esforçando-se por descobrir no que ela estaria a pensar. Alguma coisa num dos olhares contemplativos que lhe lançou provocou-lhe um arrepio gelado de pavor. Não conseguiu perceber se se tratava de ansiedade pelo filho, ou ciúme.

— Posso levar estes desenhos para mostrar ao príncipe? — perguntou a vampira, dirigindo a pergunta mais a Noell do que a seu pai. O rapaz acenou afirmativamente, demasiado perturbado para ser capaz de dar uma resposta adequada.

Carmilla agarrou na selecção de desenhos que fizera e enrolou-os. Levantou-se depois e fitou Edmund mais uma vez.

— A corte está muito interessada neste aparelho — informou-o. — Devemos ter muito seriamente em atenção se será necessário dotar-vos de mais assistência para desenvolverdes as práticas apropriadas. Entretanto, podeis voltar ao vosso trabalho habitual. Enviarei alguém para vir buscar o instrumento a fim de o príncipe o poder observar à vontade. O vosso filho desenha bem e deve ser encorajado. Podeis ambos vir visitar-me nos meus aposentos na próxima segunda-feira. Jantaremos às sete horas.

Edmund curvou-se para demonstrar a sua aquiescência. Tratava-se, bem o entendia, de uma ordem mais do que de um convite. Dirigiu-se para a porta e manteve-a aberta para ela passar. Trocaram um breve olhar, mas a expressão da mulher era agora distante e inescrutável.

Assim que ela saiu, algo se distendeu no espírito de Edmund, deixando-o cansado e vazio. Sentia-se estranhamente frio e distante, ao pensar que a sua vida podia estar em perigo.

Não se trata, sequer, de uma invenção minha, pensou, com irritação. Depois de tantos anos de cuidadosa traição, tanto esforço para descobrir o segredo da sua natureza, devo agora ser considerado demasiado perigoso, e deixado vivo, apenas porque vi o que outro homem concebeu? Ou terão eles mudado de opinião acerca das nossas práticas escolares e decidido vigiar todos os amigos de Francis Bacon e dos magos do conde de Northumberland?

Observou Noell enquanto o rapaz arrumava cuidadosamente as lames que tinham usado na demonstração. Apreciara muito estas últimas semanas em que o filho o tinha ajudado no trabalho. Tal como Lady Carmilla dissera, Noell era muito parecido com o pai, embora ainda não lhe tivesse atingido a estatura. O espírito começava agora a denotar-lhe aquela curiosidade e engenho que haviam feito de Edmund Cordery o que ele era.

Ai de mim!, pensou Edmund. *Tinha esperado que chegasse o dia em que já não necessitaria de te proteger da verdade das minhas buscas. Talvez deva agora mandar-te para longe, confiando-te às mãos de outro tutor.*

Mas disse apenas, em voz alta:

— Tem cuidado, meu filho. O vidro é frágil e afiado nas arestas; há perigo de corte em ambos os lados.

D O I S

Acabado o crepúsculo, Edmund acendeu uma única vela sobre a banca e sentou-se, contemplando a chama. Tinha estado a folhear a *Arte Vitraria*, de António Neri, que tornara conhecidos em toda a Europa os segredos dos vidreiros venezianos. Mas não lhe tinha sido possível concentrar-se no texto. Pôs o livro de lado e deitou num copo um vinho escuro que conservava num frasco que tinha na sala. Não ergueu os olhos quando Noell entrou, embora tivesse ouvido abrir e fechar a porta. Porém, quando o rapaz trouxe outro banco para perto do seu e se sentou, Edmund ofereceu-lhe o jarro. Noell pareceu surpreso, mas pegou nele, foi buscar um copo e deitou-lhe dentro uma medida, sorvendo o líquido pausadamente.

— Tenho então idade suficiente para beber contigo? — inquiriu, com um tom de amargura na voz.

— Tendes idade suficiente — asseverou-lhe Edmund, usando intencionalmente uma formulação menos íntima. — Tende cuidado com os excessos e tratai de não beberdes nunca sozinho. Conselhos paternais um tanto convencionais, creio.

Noell estendeu o barco sobre a bancada, de forma a que tocasse no bojo do microscópio com dedos delicados. Não tinha tido muitos conselhos paternais, convencionais ou de outra natureza. Edmund considerara prudente mantê-lo a uma distância segura de actividades traiçoeiras e pensamentos perigosos.

— Que temeis? — perguntou Noell, empregando o mesmo tipo de discurso do pai, de tal forma que se dirigiam um ao outro não como pai e filho, mas como iguais.

Edmund suspirou.

— Tendes idade suficiente para isso também, suponho?

— Penso que deveríeis contar-mo.

Edmund contemplou o instrumento de latão e respondeu:

— Talvez tivesse sido melhor manter esta máquina em segredo, no que respeita aos homens comuns, pelo menos durante algum tempo. Certamente, algum inteligente mecânico italiano, ousado dizer, desejoso de agradar às damas e cavalheiros vampiros, terá começado a pavonear-se com o seu invento, ávido de aplausos. Contudo, era de prever que este brinquedo fosse descoberto mais cedo ou mais tarde, tendo em conta a moda do uso de lentes; um tal segredo não poderia manter-se por muito tempo.

— Ficareis contente por terdes olhos de vidro, quando a vossa vista começar a falhar — ponderou Noell. — Seja como for, não consigo ver o perigo que representa este novo artefacto.

Edmund sorriu.

— Novos brinquedos — acrescentou pensativamente. — Relógios para indicar o tempo, moinhos para moer o grão, lentes para ajudar a vista humana. Tornos para fazer parafusos, prensas de moeda para marcar e medir a riqueza do império. Todos produzidos por plebeus, para deleite dos seus senhores. Penso que conseguimos provar aos vampiros quão inteligentes são os homens modernos e o muito mais que há ainda por saber, para além do que está escrito nas páginas dos sábios gregos e romanos.

— Credes que os vampiros nos começam a recear?

Edmund verteu vinho no seu copo e passou o jarro ao filho.

— Eles encorajam os estudos porque os consideram uma boa distração; uma forma de nos afastar a energia das ideias de ressentimento e rebeldia. Nunca esperaram que os nossos sábios obtivessem as recompensas que começaram já a colher. Há grandes mudanças a recriar o mundo: mudanças tecidas pelo artifício e pela descoberta. Mas um império de imortais aprecia a constância. Os vampiros desconfiam do novo sempre que este se eleva acima da mera novidade. Sim, os vampiros estão a ficar ansiosos, e com motivos para tal.

— Mas os homens comuns, sem imunidade à dor, doença e ferimentos, jamais poderiam ameaçar o seu domínio.

— O seu governo é fundado tanto sobre o medo e a superstição, como sobre a sua própria natureza — concluiu Edmund, em voz baixa. — É certo que vivem muito; sofrem apenas um pouco com doenças que nos são fatais e possuem maravilhosos poderes de regeneração. Mas não são invulneráveis. O seu império é mais precário do que ousam admitir. Após séculos de luta, ainda não conseguiram impor o governo vampiro às nações muçulmanas. O terror que os mantém no poder na Gália e na Va-

láuquia baseia-se na ignorância e na superstição. A arrogância dos príncipes e cavaleiros esconde um medo devorador acerca do que poderia acontecer se os homens comuns perdessem a atitude reverente que têm para com a espécie dos vampiros. É-lhes difícil morrer, mas nem por isso receiam menos a morte.

— Tem havido rebeliões contra o governo vampiro na Gália e na Valáquia. E foram mal sucedidas — observou Noell.

Edmund acenou afirmativamente.

— Mas há 3 milhões de plebeus na Grande Normandia — disse — e menos de 5 mil vampiros. Não há mais de 40 mil vampiros em todo o Império da Gália, nem um número maior na Valáquia. Não sei quantos poderá haver na China, na Índia, ou no coração de África, para lá das terras muçulmanas, mas também aí os homens comuns deverão excedê-los em muito. Se os plebeus já não vissem os seus senhores como demónios ou semideuses, mas apenas como criaturas de constituição mais forte, os impérios dos vampiros seriam frágeis. Eles afirmam que os séculos que vivem lhes conferem uma sabedoria que os homens comuns jamais poderão atingir, mas essa reivindicação tem vindo a tornar-se cada vez mais difícil de sustentar. Todas as coisas novas, à excepção de algumas que têm surgido no mundo, são obra de plebeus: navios e teares holandeses, o canhão e o vidro normandos. As nossas artes mecânicas ultrapassaram as suas artes mágicas, e eles sabem-no.

— Não poderiam os vampiros argumentar que tais dispositivos são úteis apenas para tornar o mundo mais confortável para os homens comuns, que as nossas artes mecânicas são um pobre substituto para o poder mágico de nos renovarmos, que eles possuem e nós não?

Edmund olhou atentamente para o filho, com um certo orgulho. Satisfazia-o o facto de o rapaz saber como se defender numa disputa. Tinha entregue Noell a outros professores quando era ainda muito jovem, julgando melhor manter-se afastado dele. Contudo, naquelas últimas semanas de contacto mais íntimo, vira na conduta do filho muitas coisas que lhe lembraram os seus próprios hábitos e inclinações, e isso agradara-lhe. Não lhe faltara nunca afeição por ele, mas as circunstâncias não lhe haviam permitido fruí-la. Parecia provável que nunca viesse a fazê-lo. Talvez fosse esta a sua única oportunidade de transmitir aquela parcela de saber que arrebanhara e nunca ousara confiar a alguém. Hesitou. Mas não poderia haver mal algum, ou poderia? — numa discussão e disputa tal como as que os estudantes costumavam organizar para se divertirem.

— Os vampiros têm um poder — concedeu Edmund — a que chamamos poder mágico. Mas, o que entendemos por poder mágico? Será magia o acto de desenharmos as velas de um navio de tal modo que ele

avance contra o vento? Será um poder mágico aquele que existe no vácuo que usamos nas bombas para tirar água das minas? Será magia o que permite à prata dissolver-se no mercúrio tal como o açúcar se dissolve na água? Todos estes truques eram mágicos quando mostrados a pessoas que desconheciam como eram produzidos. A magia é simplesmente aquilo que não compreendemos.

— Mas um vampiro é muito diferente de um homem comum — insistiu Noell. — Trata-se de uma diferença de alma que não tem a ver com a arte mecânica. A alma que anima o corpo de um plebeu é muito menos poderosa do que a alma que anima um vampiro, e não é a mera física que pode conceder tal poder.

— *Não é a mera física* — ecoou Edmund. — E, contudo, não sei. Aquele conde feiticeiro, Harry Percy, que esteve fechado durante anos na Torre Martin, labutou para fabricar um elixir da vida que nos tornasse iguais aos vampiros. Os cavaleiros de Ricardo observaram-no, divertidos, e chamaram-lhe conde louco. Mas nunca deixaram de o vigiar cuidadosamente. Ricardo ficou fascinado com as suas experiências e com os estudos dos textos de alquimia. Se as pesquisas de Percy alguma vez se tivessem aproximado da forma como os vampiros se produzem uns aos outros, por certo tê-lo-iam morto muito rapidamente.

— Os gregorianos acreditam que os vampiros são criação do demónio — lembrou Noell. — Dizem que eles realizam missas negras em que Satanás aparece, e que os vampiros são mais poderosos do que os homens comuns porque estão possuídos pelas almas dos demónios que Satanás introduz nos seus corpos, quando renunciam a Cristo e juram fazer o mal.

Edmund ficou momentaneamente alarmado com este discurso. Não era prudente pronunciar *tal* heresia dentro das paredes da Torre, pois poderiam ser ouvidos. A condenação dos vampiros pelo Papa Gregório podia ser considerada uma rebelião contra o seu domínio, mais nefasta do que qualquer insurreição armada, e eles sabiam-no bem. Tinham-se apressado a obrigar um novo Papa a condenar Gregório como o pior dos hereges e tinham agora chegado ao ponto de colocar um vampiro no trono de São Pedro. Mas não haviam esmagado por completo a noção do estatuto demoníaco que lhes tinha sido atribuído, nem provavelmente o conseguiriam alguma vez. Era uma história admiravelmente sinistra, do tipo de calúnia proibido com que todos os homens se deliciam, quer nela acreditem, quer não.

— A posição ortodoxa é a de que o estado dos vampiros foi ordenado por Deus, tal como o foram os estados dos homens comuns — lembrou Edmund ao seu filho. — A Igreja diz-nos agora que os vampiros receberam o dom de uma vida longa sobre a terra, o que é tanto um fardo como um

privilégio, pois têm que esperar muito mais pacientemente para gozar as delícias do céu.

— Gostariéis que acreditasse nisso? — perguntou Noell, que sabia muito bem ser seu pai um descrente.

— Não gostaria que acreditásseis que são uma geração do demónio — disse Edmund, suavemente. — É pouco provável que seja verdade e seria uma pena ser-se queimado como herege por pronunciar acidentalmente uma falsidade.

— Dizei-me, então — pediu Noell —, aquilo em que acreditais.

Edmund encolheu os ombros, com desconforto.

— Não estou certo de que seja assunto de crença — acrescentou. — Eu *não sei*. A longevidade deles é real, a resistência à doença, os poderes de regeneração também. Mas será realmente magia o que assegura estes dons? Estou pronto a acreditar que realizam rituais misteriosos e encantamentos estranhos, mas não sei que virtude ou efeito poderá ter uma tal conduta. Interrogo-me por vezes sobre se eles próprios terão consciência disso. Talvez se agarrem aos seus ritos como os homens comuns da Europa se agarram à missa e os seguidores de Maomé às suas próprias cerimónias, por razões de hábito e de fé. Sabem certamente o que deve ser feito para tornar vampiro um homem comum, mas não sei se compreenderão o que fazem. Penso por vezes se não serão, como nós, vítimas do terror supersticioso que tentam instilar-nos.

— Acreditais, pois, que existe um elixir, uma poção que torna um homem imune a todas as doenças e ferimentos e retarda a morte por muitos séculos?

— Os alquimistas falam de um saber secreto que foi conhecido em África há muito tempo e do qual os vampiros serão agora os detentores. Mas não sei se deva acreditar nisso. Se fosse apenas necessário ter-se uma poção mágica para fazer vampiros, creio que o segredo teria escapado há muito tempo.

Noell fitou o instrumento que tinha à sua frente, perdido em contemplação. Depois prosseguiu:

— E julgais que este dispositivo poderá de alguma forma revelar o segredo da natureza dos vampiros?

— Receio que Ricardo assim pense. Está muito inquieto. O império está agitado e diz-se que o *Freemartin* confirmou os rumores de uma peste em África, que tanto mata os homens comuns, como os vampiros.

O seu tom de voz era muito sombrio, e ficou surpreendido quando ouviu Noell emitir uma pequena risada.

— Se descobríssemos o segredo e nos tornássemos vampiros — disse despreocupadamente —, de quem beberíamos o sangue?

Era uma observação vulgar, do tipo de graça irónica que as crianças gostam de fazer umas com as outras. Edmund sentiu-se tentado, por momentos, a ser irreverente, por seu lado, e dirigir toda a conversa num sentido humorístico, mas sabia que não era isso o que o filho pretendia. O riso de Noell fora um sinal de constrangimento, uma desculpa para introduzir um assunto indelicado. Mas, se se pretendia falar de vampiros, dificilmente se poderia evitar o tópico de beber sangue, por mais indecente que fosse o acto de o mencionar. Carmilla Bourdillon não se envergonhara de falar nele, porque deveria o rapaz envergonhar-se?

— Isso é outra coisa que não compreendemos — disse o pai. — Inquieta-nos, pois não é como alimento habitual que um vampiro bebe o sangue dos homens; não lhe serve de pão ou carne e as quantidades de que necessita são mínimas. E, contudo, precisam mesmo dele. Um vampiro privado de sangue cairá num sono profundo, como que gravemente ferido. Dá-lhes também uma espécie de prazer que não compreendemos inteiramente. É uma parte vital do mistério que os torna tão terríveis, tão inumanos... portanto, tão poderosos.

Deteve-se, sentindo-se embaraçado, não tanto por causa de quaisquer ideias convencionais acerca da indecência, mas porque não sabia o que Noell poderia compreender em relação às suas fontes de informação. Nunca falara dos dias da sua ligação com Lady Carmilla, certamente não à esposa com quem casara depois, ou ao filho que dela tivera, mas não havia maneira de evitar que os mexericos e rumores chegassem aos ouvidos do rapaz. Noell devia saber o que o pai tinha feito.

Este pegou novamente no jarro e desta vez encheu mais o copo. — Disseram-me que os humanos sentem também um prazer especial... quando oferecem o seu sangue para ser bebido.

— Não é verdade — respondeu Edmund, desajeitadamente. — O prazer que um plebeu sente com uma dama vampira é o mesmo que experimenta com uma plebeia. Poderá, talvez, ser diferente para as mulheres que recebem homens vampiros, mas suspeito que o prazer extraordinário que afirmam sentir tem mais a ver com o facto de os vampiros raramente fazerem amor como os homens comuns. Além disso, as amantes dos vampiros têm a excitação adicional de esperarem transformar-se, elas próprias, em vampiras. Parecem ser... favorecidas... nesse aspecto. — Edmund hesitou, mas percebeu que não queria que o assunto deixasse de ser discutido, agora que tinha sido a florado. O rapaz tinha direito a saber e talvez algum dia *precisasse* de o saber. Lembrava-se do modo como Lady Carmilla olhara para o filho, ao dizer-lhe que se parecia com o pai.

— Mas talvez seja verdade, de certo modo — continuou Edmund. — Quando Lady Carmilla costumava provar o meu sangue, isso dava-me

efectivamente prazer. Agradava-me porque lhe agradava a ela. Há uma excitação em amar uma dama vampira, que a torna diferente de amar uma mulher comum... embora o amante de uma dama vampira raramente se torne vampiro, e nunca por ser seu amante.

Noell corou, sem saber como reagir ao facto de ser aceite como confidente do pai. Porém, decidiu ser melhor fingir um interesse meramente académico.

— Por que razão há então muitas mais mulheres vampiras do que homens na corte de Londres e nas outras cortes gaulesas? — perguntou.

— Ninguém sabe ao certo — respondeu-lhe Edmund. — Nenhum plebeu o sabe, pelo menos. Posso contar-te aquilo de que suspeito, do que ouvi e do que raciocinei. Mas deves compreender que se trata de um assunto perigoso para se pensar, quanto mais falar. Deves saber que conservei muitas coisas ocultas de ti e penso que sabes porquê. Percebes que há perigo, se continuarmos a falar sobre isto?

Noell assentiu. Bebeu uma nova golada do copo, como se pretendesse com isso significar que estava pronto para todas as responsabilidades de adulto. Ansiava aprender e Edmund estava contente por tal verificar.

Edmund pousou o copo na bancada e inspirou, interrogando-se sobre o que Noell poderia já saber e quanto do seu conhecimento poderia estar confundido por fantasias atraentes.

— Os vampiros mantêm a sua história secreta — disse Edmund —, e têm tentado controlar a escrita da história humana, embora a expansão das imprensas lhes tenha tornado impossível deter a distribuição de livros proibidos. Diz-se que a aristocracia dos vampiros veio pela primeira vez para a Europa Ocidental no século V, com a horda de vampiros que conquistou Roma comandada por Átila. Que terá sabido muito bem como tornar vampiros aqueles que desejava favorecer. Transformou Écio, que se tornou o primeiro governante do Império da Gália, e Teodósio II, que foi imperador de Bizâncio, antes de essa cidade se tornar parte do Canato de Valáquia.

— De todos os príncipes e cavaleiros que existem agora, a grande maioria deve ser constituída por descendentes de Átila e da sua família. Li relatos do nascimento de crianças vampiro, filhas de damas vampiras. Mas são provavelmente falsos. As mulheres vampiras são estéreis e os homens vampiros muito menos viris que os homens comuns. É sabido que copulam muito raramente, embora chamem as amantes todas as noites para lhes tirar sangue. Porém, as amantes de vampiros tornam-se frequentemente vampiros, elas próprias. Os cavaleiros vampiros sustentam que se trata de um dom deliberadamente concedido através de magia, mas não tenho assim tanta certeza de que cada conversão seja planeada e intencional.